

Desocupação de invasão acaba em pancadaria e barracos incendiados

ADÃO PAULO

Moradores de uma invasão com mais de 60 barracos, no Setor de Indústrias Gráficas, viveram horas de tensão e desespero na manhã de ontem, durante fiscalização do Siv-Solo. Barracos incendiados, policiais e invasores feridos, troca de tiros e pessoas agredidas, transformaram uma invasão de 20 anos num verdadeiro campo de batalha. Dezenas de pessoas armadas com pedras e porretes enfrentaram cerca de 10 policiais militares e expulsaram fiscais. A situação se agravou quando a polícia incendiou barracos, colocando em risco a vida de crianças.

Diante da possibilidade de o Siv-Solo retornar à invasão com mais policiais, homens, mulheres e crianças se armaram com facas e facões dispostos a enfrentar qualquer um. "Há muito tempo eu sinto que vou morrer porque tenho problemas no coração. Que seja lutando", disse Oto dos Santos da Silva, 17 anos. Ele e outros invasores chegaram a fabricar coquetéis Molotov, com cinco litros de gasolina. "Se a polícia voltar a gente explode os carros", ameaçou.

Expulsos os policiais, os moradores desviaram toda a fúria para um rapaz que, segundo eles, teria mentido aos fiscais que havia armas na invasão. O morador conseguiu escapar da morte, trancando-se numa das casas. "Se sair a gente fura ele", disse um homem, armado com facão.

Indignação — Os moradores da invasão do Setor de Indústrias Gráficas estavam indignados com o "descaso do governo". Eles se sentem traídos por uma pessoa que se apresentou como fiscal da administração Regional do Cruzeiro, que disse se chamar Ana Cláudia, que na semana passada esteve na invasão levantando o número de barracos e nomes dos invasores. "Ela

disse que o levantamento era para conseguir lotes para a gente e hoje aparece aqui para derrubar os barracos", lamentou Joelma Barbosa.

Ela reclamou que foi "enganada" pela fiscal que também prometeu conseguir passagens para a Bahia. "Ana Cláudia me perguntou se eu queria lote ou voltar para a Bahia", contou. Joelma disse que quase foi presa por "cobrar" as passagens da fiscal, ontem de manhã, quando o Siv-Solo tentou retirar as famílias invasoras.

Edivalda Silva dos Santos, 16, corria de um lado a outro com a filha de um mês de idade nos braços, na tentativa de salvar roupas e utensílios domésticos, enquanto o marido Oto Santos da Silva, 17, tentava apagar o fogo que já consumia quase todo o barraco. No mesmo instante, quatro invasores escondidos atrás de montes de terra atiravam pedras contra policiais e acertaram a cabeça de um soldado.

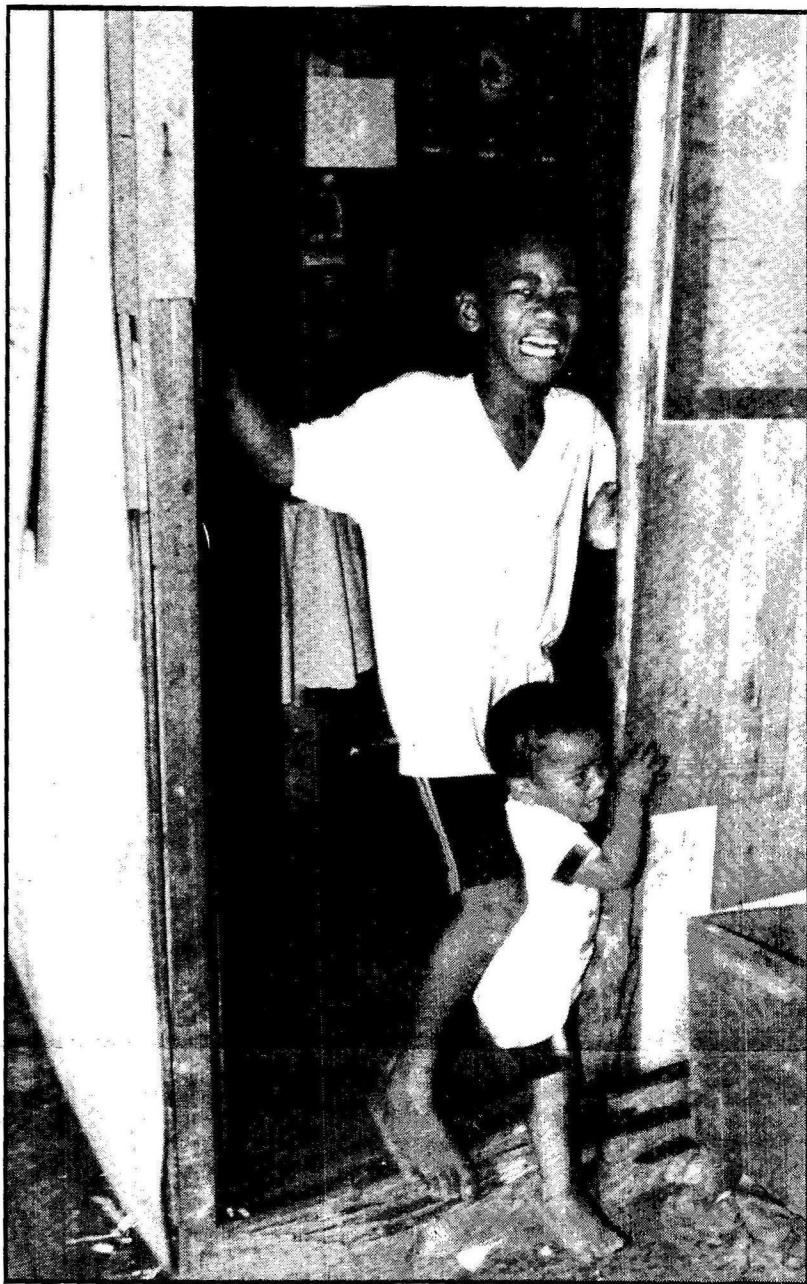
Em outro canto da invasão, Joelma Barbosa chorava, abalada pela violência, a perda dos móveis e a "falta de humanidade". Ela disse que não havia necessidade de queimar os barracos. "Bastava os policiais terem conversado e a gente saí", comentou Joelma, que afirma ter sofrido ameaças de policiais. "Um tenente disse que colocaria eu e meu filho de cinco anos na prisão".

Vários invasores tiveram que segurar o catador de papel José Fernando Costa para evitar uma tragédia. Com uma peixeira na mão, ele ameaçou matar o primeiro policial que encontrasse pela frente. "Não é justo o que eles fizeram. Bateram na minha mulher, grávida de seis meses", gritava José Fernando. Ao lado dele, também muito exaltado, estava Ricardo Gomes que, segundo ele, levou uma pedrada na cabeça de um dos PMs. "Olha o tamanho do corte", mostrou.

Fotos: Francisco Stuckert



Os invasores acusam os policiais de incendiarem os barracos



As crianças ficaram apavoradas com a ação da fiscalização